

# UMA ANÁLISE EM PROFUNDIDADE DO DISCURSO DE CANDIDATURA DE PLÍNIO SALGADO EM 1937

## *AN IN-DEPTH ANALYSIS OF PLÍNIO SALGADO'S CANDI- DACY SPEECH IN 1937*

Sergio Schargel 1

**Resumo:** Em seus quase cem anos de História, o Integralismo perpassou distintas fases e ciclos. Em 1937, em seu auge, o movimento ensaiou uma candidatura à presidência, com a nomeação do próprio Salgado. Por meio de análise de conteúdo, este artigo irá se dobrar sobre o Discurso de candidatura de Salgado, na intenção de apreender suas particularidades e idiosincrasias. Em suma, compreender o que o Integralismo dizia de si próprio, seus principais argumentos discursivos, bem como suas diferenças e semelhanças em relação a momentos posteriores. Utilizando o livro de Gonçalves e Neto, *Fascismo em camisas verdes*, como marco teórico, espera-se que esse pequeno recorte consiga contribuir à historiografia sobre o Integralismo (e à teoria política sobre fascismos em escopo ampliado) ao trabalhar em profundidade um material relativamente esquecido do movimento de Salgado.

**Palavras-chave:** Integralismo. Plínio Salgado. Discurso de candidatura.

**Abstract:** In its nearly one hundred years of history, Integralism has gone through different phases and cycles. In 1937, at its height, the movement tried out a candidacy for the presidency, with the nomination of Salgado himself. Through content analysis, this article will focus on Salgado's candidacy speech, with the intention of apprehending its particularities and idiosyncrasies. In short, to understand what Integralism said about itself, its main discursive arguments, as well as its differences and similarities in relation to later moments. Using the book by Gonçalves and Neto, *Fascismo em camisas verdes*, as a theoretical framework, the aim is to contribute to the historiography of Integralism (and to the political theory of fascism in an expanded scope) by working in depth on a relatively forgotten material.

**Keywords:** Integralism. Plínio Salgado. Candidacy speech.

1 - Professor Substituto em Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal de São João del Rei. Doutorando em História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Especialista em Literatura Brasileira pela UERJ. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021, que se transformou no livro *O fascismo infinito, no real e na ficção*. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, extrema direita, judaísmo, antisemitismo e a obra de Sylvia Serafim. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0215890727285473>. E-mail: [sergioschargel@gmail.com](mailto:sergioschargel@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

## Introdução

*“A lua estava cheia e minha vida não tinha sentido”* (BUKOWSKI, 2011, p. 158).

O Fascismo de Benito Mussolini perpassou diversos ciclos e estágios ao longo de seus mais de 20 anos de existência. Tendo aparecido como uma espécie de fusão do nacionalismo intervencionista de Gabriele d’Annunzio e as antigas preocupações sociais do período de Mussolini no Partido Socialista Italiano (PSI), o Fascismo surge com propostas que mesclavam, simultaneamente, a centralidade do espírito nacional italiano (Italianità) com argumentos sociais como direitos trabalhistas e previdenciários. No programa de 1919 do Fasci di Combattimento, por exemplo, consta elementos como redução da jornada de trabalho e da idade à aposentadoria. Dois anos depois, após o Biênio Vermelho, Mussolini e outros 34 deputados do recém-fundado Partido Nacional Fascista (PNF) se elegem à Câmara por meio de uma coligação liberal-conservadora de Giovanni Giolitti, uma tentativa de enfraquecer o poder crescente da esquerda. Mesmo com o crescimento meteórico do partido, Mussolini ainda não concentra poder suficiente para instaurar um regime autoritário quando é nomeado pelo chefe de Estado, o rei Vitor Emanuel, para chefe de governo, após a Marcha Sobre Roma. Neste contexto, é forçado a manter a sua coligação com os liberais-conservadores giolittianos, e a instaurar uma política econômica de matriz liberal. Há ainda outros períodos, como a ditadura de fato instituída após o assassinato de Giacomo Matteotti, o corporativismo adotado como política econômica no que se segue à Carta del Lavoro, as campanhas coloniais da década de 1930 e, por fim, o amalgame com o Nazismo durante a Guerra, em particular após a invasão e consequente Guerra Civil de 1943. Semelhante ocorre com outros movimentos análogos, como o Integralismo, que sobrevive há quase cem anos de constantes mutações.

No início de 2020, o Brasil lembrou com surpresa que o Integralismo, movimento político surgido no início dos anos 1930 e inspirado no Fascismo, apesar de ter se fragmentado, não havia desaparecido. Após a transmissão de um filme na Netflix com um Jesus Cristo que supostamente teve relações homossexuais, alguns membros de uma das várias facções integralistas contemporâneas lançaram um coquetel *molotov* na produção da empresa em uma ação que quase vitimou um segurança. Supostamente o mesmo grupo vandalizou a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) removendo e queimando bandeiras antifascismo levantadas pelos estudantes, bem como os ameaçando. Outros grupos integralistas tentaram se desvincular do ataque, por mais que digam entender seus motivos dado o ataque do Porta dos Fundos aos “símbolos sagrados nacionais” (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 197); ainda que depois se tenha descoberto que um dos responsáveis pelo ataque também era vinculado a parte dessas outras organizações.

**Figura 1.** Reprodução de um quadro do vídeo em que uma facção Integralista queima bandeiras antifascismo expostas na Unirio, enquanto diz “viva a pátria nacionalista”



Fonte: KAPA (2018)

Plínio Salgado inspirou-se no Fascismo italiano ao criar o Integralismo, após um encontro com Mussolini. Diversos signos se inspiram abertamente na contraparte italiana, traduzindo-os para uma versão brasileira, como a indumentária, o sigma, e a classificação de Salgado como “Chefe”, análogo do *Duce*. Mussolini chegaria a financiar o Integralismo de Plínio em seu início (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 13). E, ao menos até seu exílio com a perseguição do Integralismo pelo Estado Novo, não é absurdo interpretar o Integralismo como sendo, de fato, uma versão brasileira do fascismo.

Seus aspectos nacionalistas foram os mais marcantes, desde as roupas que destacam as cores da bandeira brasileira, ao lema Anauê do tupi “você é meu parente” – o que também, pela valorização do indianismo, exemplifica um traço de reacionarismo (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 19). Como reacionário, o movimento buscava retornar a um passado supostamente glorioso, que ia da monarquia até, e mais fortemente, ao indianismo. Como autoritário, e seguindo o que era pregado pelo Fascismo italiano, afirmou-se contra a democracia em seu formato liberal e a favor do que entendia por novas formas de democracia. Nesse ponto, o Integralismo herdou um discurso antielite semelhante ao Fascismo, sugerindo que o poder deveria ser devolvido aos verdadeiros brasileiros, um poder que foi distorcido por elites corruptas ligadas ao comunismo e/ou judaísmo internacional – dependendo da corrente interna, se vinculado mais a Salgado ou Gustavo Barroso – e restaurar a glória nacional. Como movimento popular, estendeu-se a todos os setores e classes sociais, perpassando o proletariado, a classe média e as elites financeiras (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 51). Em muitos aspectos, portanto, se aproximou da conspiração paranoica que o Bolsonarismo mais tarde absorveria, no devaneio de imaginar uma conspiração mundial por uma elite financeira comunista. Em outras palavras, o Integralismo, como o Fascismo italiano, projetou-se como uma terceira via, uma alternativa entre o comunismo e o liberalismo, que via as duas cabeças do mesmo parasita. Lembra discursos contemporâneos semelhantes, além de Bolsonaro, como Viktor Orbán, com sua defesa de uma suposta democracia iliberal, ou de um novo formato democrático.

Marilena Chauí (2014, p. 52-53), pensando no que levou o Integralismo a se disseminar pelo Brasil, entende sua força majoritariamente ligada à classe média. De forma parecida ao Fascismo e o Bolsonarismo, que possuíram na pequena burguesia sua principal base de apoio ao venderem uma escolha muito difícil entre um fascismo real e um comunismo imaginário. Chauí (2014), em diálogo com Trindade (1974), analisa que o Brasil, ao contrário da Itália, possuía uma classe média em franca ascensão financeira e social, em nada ameaçada de fato por uma alternativa à esquerda: “Frustrada como burguesia e sob a influência do clima ideológico europeu, a classe média brasileira teria posto para si o dilema ‘fascismo ou comunismo?’ sem que, no entanto, este correspondesse a uma situação realmente vivida pela classe” (CHAUI, 2014, p. 53).

**Figura 2.** Um parasita de duas cabeças



**Fonte:** GONÇALVES; NETO (2020, p. 170)

## Institucionalização e tentativa de cargos executivos

Plínio Salgado seguiu bem a cartilha e as dicas do *Duce*: primeiro criar um movimento, depois um partido. Por mais que no início tenha insistido que o Integralismo não era um partido, mas um “movimento de cultura e uma ‘mística nacional’” (CHAUI, 2014, p. 61), em 1937, com a ascensão do Integralismo como movimento de força nacional, Salgado fundou o partido e se lançou como candidato à presidência. Antes disso, por mais que não tenha tido uma ascensão tão acelerada quanto à de Mussolini, a Ação Integralista Brasileira (AIB) protagonizou um crescimento que tampouco pode ser ignorado: em 1934 o movimento saltou de 24 mil para 160 mil membros (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 27). Salgado gostava de dizer que seu movimento chegou a um milhão de associados, mas Gonçalves e Neto (2020, p. 27) contestam essa propaganda, sugerindo que o movimento nunca teria passado dos 200 mil<sup>1</sup>. Demonstrando seu crescimento e sua força, a AIB obteve bons resultados nas eleições de 1936, com a eleição de 500 vereadores e 24 prefeitos, num total de 250 mil votos, ao ponto que ficou conhecido como “Ano Verde” (CHAUI, 2014, p. 87).

Em 23 de maio de 1937, Plínio Salgado deu um discurso essencial para entender o seu movimento, pois pode ser pensado como efeméride do início do processo de institucionalização da AIB em partido. Por meio de um plebiscito interno, a AIB definiu Salgado como seu candidato presidencial, em uma votação aberta que, de acordo com as estatísticas do partido, contou com uma diferença absurda entre os candidatos, 60.483,6%. Salgado recebeu mais de 800 mil votos, enquanto Gustavo Barroso, segundo colocado, apenas 1.397 (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 56). Logo depois, Salgado se lançaria como candidato à presidência, retirando a candidatura em novembro do mesmo ano para apoiar o golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas. Entendia que havia similitudes programáticas, doutrinárias e ideológicas entre a AIB e o Estado Novo, principalmente um inimigo em comum, o que tirava a necessidade de chefiar o Executivo federal nesse momento<sup>2</sup>. Uma retórica que voltaria a aparecer quando a AIB falha em seu levante e Salgado é forçado a pedir uma trégua. Ademais, Vargas teria prometido a ele cargo como Ministro da Educação (CHAUI, 2014, p. 90).

Salgado não retirou sua candidatura apenas pela promessa de ministério, ou mesmo por semelhanças programáticas com o Estado Novo, mas por ter recebido promessas por parte de grandes figurões como Eurico Gaspar Dutra de que o Integralismo teria papel fundamental na ditadura. Seria “base do novo regime”, e ambos se colocariam juntos contra um inimigo em comum: o comunismo (CHAUI, 2014, p. 92). Nesse sentido, Salgado é seduzido com promessas de algo semelhante ao que ocorreu em outros países em que movimentos similares chegaram ao poder, como Itália e Espanha: a promessa de uma união entre fascistas e a elite conservadora autoritária. Robert Paxton (1998) chega a afirmar que este elemento, é ponto de inflexão para ascensão ou derrocada de um movimento fascista.

O clima messiânico persiste, como de praxe, durante todo o discurso de candidatura, que não à toa é denominado *Salvemos a democracia!* (SALGADO, 1950, p. 39). Somente o título já é suficiente para apreender o tom. Interessante, todavia, que Salgado escolha começá-lo não com a tradicional imagem da nação — ainda que esta receba a devida atenção logo depois, tanto que alguns dos termos mais frequentes são “Brasil”, “país”, “pátria”, “brasileira” e “nação” —, mas com a democracia que ele próprio ataca. Um discurso que não ocorre por despropósito, considerando o contexto: Salgado anuncia, neste discurso, o registro da AIB como partido político e o desejo de lançar um candidato do movimento à presidência nas eleições seguintes. Para tal, ecoando o oxímoro Fascista de “democracia autoritária”, Salgado (1950, p. 39) defende que a candidatura da AIB é, **na prática, apesar de seus flertes ao autoritarismo explícito, o “primeiro ato insofismável de democracia pura”**. Uma frase reveladora, já que exemplifica o argumento

<sup>1</sup> O que tampouco demonstra fragilidade, dado que, ainda assim, era o maior movimento de matriz fascista na América Latina.

<sup>2</sup> Evidenciando o apoio inicial do Integralismo e a aderência ao Estado Novo, foram organizadas marchas e manifestações do movimento em favor do regime. Em um deles, entre 35 e 50 mil pessoas saudaram Vargas no Palácio do Catete com um “Anauê” (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 57).

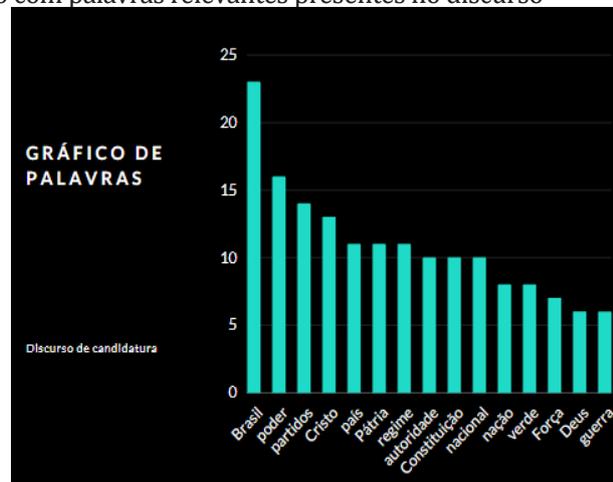
típico dos fascismos de que a democracia deve ser remodelada à feição do movimento. Em outra manobra, ainda que tenha defendido explicitamente uma ruptura democrática no *Manifesto de outubro*, afirma aqui que o Integralismo tem no “espírito democrático” a sua essência (SALGADO, 1950, p. 42).

**Figura 3.** Nuvem de palavras sobre o discurso de candidatura



**Fonte:** Elaboração do autor, baseado no discurso de candidatura e através do *software* WordClouds

**Figura 4.** Gráfico com palavras relevantes presentes no discurso



**Fonte:** Elaboração do autor, baseado no discurso de candidatura e através do *software* WordClouds

Um suposto espírito democrático que não tarda em encontrar contradição no âmago do discurso, para além dos demais materiais. Uma seção inteira é dedicada à “autoridade no Integralismo”, o que é, no mínimo, sintomático; como também o é “autoridade” ser um dos termos mais repetidos. Salgado (1950, p. 42) defende uma disciplina partidária rígida, baseada na “autoridade máxima do Integralismo”, no caso, ele próprio. É claro, no discurso, a relação orgânica entre Messias-massa. O Messias depende da massa, mas, em simbiose, deve influir sobre ela, deve se impor sobre ela através de seus poderes sobrenaturais e messiânicos: “a criação da autoridade suprema do partido e na afirmação da sua mística, [...] esse processo, genuinamente democrático realiza o milagre da ordem em nossas fileiras” (SALGADO, 1950, p.

42). A disciplina e a autoridade se desprendem do Messias, a quem, como Salgado (1950, p. 42) explicita, recai uma mística e um princípio unificador. Assim, a nação deve ser unida a partir do partido e do Messias, que como o grande pai afastará as divisões, cisões e brigas na formação do integral. Para Salgado (1950, p. 42), a verdadeira democracia, ou o “espírito democrático”, advém precisamente de uma figura unilateral e centralizada dentro até mesmo do partido. Pois só ele, em consonância com o partido e com a massa, pode ter “a força necessária para a salvação na unidade da pátria e defesa das instituições sagradas que vieram de nossos maiores” (SALGADO, 1950, p. 42), reencenando o reacionarismo clássico dos fascismos no que o Messias e o movimento colocam-se como únicos capazes de salvar uma nação degenerada, de resgatá-la. Um tom salvacionista literal, conforme Salgado (1950, p. 44) diz que seu movimento se coloca “para salvar a democracia em nosso país e a unidade da pátria”.

Salgado (1950, p. 43) prossegue atacando aqueles que enxergam incoerência no movimento pregar o espírito democrático, mas manter uma estrutura hierárquica e autoritária. Para ele, o Integralismo consegue concatenar liberdade e disciplina, sem que uma canibalize a outra. Isto porque, em sua lógica militarista, a verdadeira liberdade e democracia só podem existir através de uma estrutura hierárquica e disciplinar rígida. Na retórica de Salgado (1950, p. 43), a verdadeira liberdade só existe quando são esmagadas as idiosincrasias e individualidades, quando a “disciplina torna impotentes os apetites pessoais sequiosos”. Uma vez mais ecoando a “democracia autoritária” de Mussolini, Salgado (1950, p. 43) afirma que “Democracia e autoridade se afinam por um só ritmo”. Tampouco é coincidência que “força”, “poder” “ato” e “ação” estejam entre alguns dos termos mais mencionados. No discurso de Salgado se fundem, deste modo, os regimes autocrático e democrático, com sua retórica deslocando traços típicos de autocracia – poder concentrado em um indivíduo ou grupo específico, baseado em princípios de coerção, cooptação e legitimação – para o que chama de verdadeira democracia. Como diz Riemen (2020), não há autoritário que não tenha clamado defender uma verdadeira democracia. Por fim, para destilar seu anticomunismo e antiliberalismo, defende que a autoridade e a disciplina, bem como a liberdade e a democracia, na prática não são condizentes com “as oligarquias prepotentes e as patrulhas de Moscou!” (SALGADO, 1950, p. 43).

Embora apareça com mais força em outros materiais, como o *Manifesto de outubro*, seu discurso de candidatura também não omite aspecto elementar de movimentos fascistas: a fusão do antiliberalismo com o anticomunismo. Isto porque, para o Integralismo, o marxismo é um desenvolvimento natural do liberalismo, sua consequência. A democracia em seu formato liberal, portanto, se encaminha inevitavelmente para o fantasma do comunismo. Outros fascistas como Gustavo Barroso, mais ligados ao antisemitismo, vão além e adicionam uma paranoia antijudaica neste caldo, argumentando que, independente do liberalismo ou do comunismo, uma obscura elite judaica controla a política global.

Uma vez dado esse preceito, não é surpreendente que Salgado (1950, p. 40) retorne, alguns pontos adiante, a um aspecto fundamental de suas ideias: os preceitos corporativistas. Salgado reforça que entende como essencial, à verdadeira democracia, a existência de participação política e social das divisões setoriais, industriais e comerciais. Assim, que os indivíduos sejam representados e participem a partir de seus “interesses econômicos, intelectuais e morais” (SALGADO, 1950, p. 40), uma representação que só pode atingir formato orgânico sob o corporativismo. De acordo com Salgado (1950, p. 40) essa representação inorgânica em partidos não ligados a interesses diretos seria responsável pela causa da instabilidade política brasileira, tendo sido motivo tanto da proclamação da República, pondo fim à “monarquia democrática e parlamentar”, quanto da Revolução de 1930.

Aliás, é interessante notar o destaque que Salgado dá ao mencionar “intelectuais”. No que consiste em um dissenso em relação ao Fascismo de Mussolini, o Integralismo possuía uma preocupação intelectual particular que é estranha a outros movimentos análogos. Alguns autores, como Pedro Doria (2020), chegam a sugerir que talvez esse tenha sido um dos motivos do fracasso de Salgado. Os três principais líderes do Integralismo – Salgado, Barroso e Miguel Reale – tiveram atuação intelectual profícua fora do movimento. O primeiro

foi autor modernista, o segundo fundou o Museu Histórico Nacional e foi presidente da Academia Brasileira de Letras, enquanto Reale foi reitor da Universidade de São Paulo. Para Salgado, cabia aos intelectuais o resgate de uma nação degenerada, o processo de regeneração e engrandecimento nacional: “É preciso que nós, intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. Estamos fartos de vivermos, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar” (apud GONÇALVES; NETO, 2020, p. 11).

Se o Fascismo tinha uma ligação estreita com o Futurismo — apesar do anti-intelectualismo de Mussolini (2006), que enxergava na intelectualidade italiana um cosmopolitismo degenerado —, o Integralismo surge formalmente como uma dissidência do modernismo brasileiro. Seu antecessor, o Verde-Amarelismo, ramifica no movimento de Salgado e no nacionalismo autoritário de Cassiano Ricardo (CHAUI, 2014, p. 172). O Movimento Verde-Amarelo aparece como oposição modernista à antropofagia de Oswald de Andrade, vista como tomada por valores cosmopolitas e contaminada pela Europa.

Em curiosa consonância com o Bolsonarismo, parte considerável do discurso se destina a atacar o poder dos governadores — uma das palavras que mais aparecem —, e o que Salgado (1950, p. 41) identifica como desvirtuação da unidade, da “coesão política do país”. Bem como no *Manifesto*, a nação, quando dividida, se enfraquece. O foco do país se dilui, se desloca, e o próprio conceito de brasilidade se fragiliza como consequência. Bem como no *Manifesto*, então, Salgado reafirma a necessidade de um Estado integral para afastar essa divisão nacional, a qual os governadores —, mas também os prefeitos e vereadores — são exemplo. Para ele, a democracia não pode existir integralmente enquanto partidos regionais e governadores dividirem e enfraquecerem a nação. É possível pensar, destarte, no Integralismo como um movimento antifederalista. A união de fato viria do Estado integral, que acabaria com a fragilização nacional dada pela fragmentação dos partidos regionais, “simples máscaras de papel de oligarquias e tiranias (SALGADO, 1950, p. 44). Uma unidade que, nos preceitos Integralistas, surgiria das corporações, estas sim representando “a legítima soberania do povo” (SALGADO, 1950, p. 44). Igualmente, ecoa Mussolini, quando este substituiu a representação por regiões na Câmara por representações por indústrias.

Ademais, como lembra Chauí (2014, p. 174), a preocupação antifederalista **não era exclusiva do Integralismo, mas uma questão comum das diversas formas de nacionalismo da época. Afinal, a Revolução de 30 se pautou justamente contra as “oligarquias estaduais”, simbolizadas pelos presidentes dos estados, ou governadores. O Estado Novo se empenha na construção de um sentimento de unidade nacional, em contraposição ao que enxerga como fragmentação regional, instituindo símbolos como a obrigatoriedade do hino nacional e do culto à bandeira nas escolas (CHAUI, 2014, p. 174). Em suma, a tentativa de criação de um caráter nacional institucionalizado tornou-se política de Estado.**

O messianismo sacrificial — literal, quando Salgado (1950, p. 45) diz que o Integralismo é um “sacrifício permanente” —, fruto do autoritarismo reacionário, retorna logo à frente. De fato, se o *Manifesto de outubro* destilava mais nacionalismo do que os demais conceitos que formam o fascismo, neste discurso torna-se claro, dado o sinal dos tempos e semelhante ao que aconteceu com Mussolini em relação ao *Discurso de Nápoles* e o *Discurso sobre Matteotti*, o autoritarismo como ponto focal. A nação ainda desempenha papel fundamental, naturalmente, mas aparece como pano de fundo, como o motivo pelo qual se justifica o autoritarismo. Um discurso que ecoa o imaginário belicista e militarista, quando Salgado (1950, p. 44-45) declara melancolicamente que com o líder escolhido à candidatura à presidência — no caso, seria ele próprio —, o movimento seguirá “sejam quais forem as consequências, as perseguições, os martírios, porque nos cumpre defender, a todo transe, a legítima democracia daqueles que a separam do povo, fingindo resguardá-la”. Uma vez mais ecoando Mussolini (2006, p. 246), quando este segundo afirma que a democracia é um regime sem rei, mas com muitos reis, Salgado (1950, p. 45) proclama que a democracia foi capturada e está sendo esmagada em palácios luxuosos. Democracia e oligarquia, portanto, se fundiram em uma só, e o Integralismo é capaz de levá-la para o povo. O Integralismo se coloca, destarte, como em uma permanente guerra — um dos termos mais mencionados, segundo o WordClouds — contra uma elite oligárquica invisível, que agita o seu belicismo tanatofílico.

Se o anticomunismo não havia recebido, até então, mais do que algumas piscadelas, logo recebe uma seção inteira dedicada. E uma das seções mais importantes, conforme identifica, enfim, a grande sombra por trás dos inimigos invisíveis. Os governadores, os partidos regionais e os prefeitos, não são mais do que ferramentas do comunismo internacionalista na tentativa de fragmentar e fragilizar a integridade nacional (SALGADO, 1950, p. 45). Os agentes invisíveis do Bolchevismo teriam capturado não apenas os poderes regionais, mas também estariam por trás das demais candidaturas às eleições de 1938. Na prática, a conspiração do comunismo internacional acabaria por levar à não realização das eleições de 1938 e ao consequente golpe do Estado Novo<sup>3</sup>, baseado no *Plano Cohen*<sup>4</sup>. O pânico do comunismo no discurso de Salgado, por conseguinte, é calculado: ao incutir a suposta influência do comunismo nos candidatos de 1938, aliado à histeria após a Intentona de 1935 (que fez Vargas declarar Estado de Guerra e intensificar a perseguição de rivais políticos), o Integralismo ajuda a legitimar o golpe. O próprio Integralismo iria influenciar na criação do *Plano Cohen*.

O comunismo é vendido como grande ameaça à nação, a qual, por fim, Salgado (1950, p. 46) lança mão de um imaginário reforçado. Isto porque a fragiliza em duas frentes: o internacionalismo/cosmopolitismo, por “vendê-la” às potências estrangeiras, e o separatismo/fragmentação, por fragilizar o sentimento de brasilidade em função de regionalismos: “Todos aqueles que desejam a grandeza da pátria Unida virão a nós, porque não sustentamos uma candidatura nem de São Paulo, nem do Rio Grande, nem do Nordeste, nem de Minas: sustentamos uma candidatura do Brasil”. Salgado utiliza imagens tipicamente nacionais: “verde”, “bandeira” e “cores” estão entre as palavras mais comuns. Vale lembrar que movimentos separatistas ou regionalistas ainda eram relativamente recentes na época, como a Revolução Constitucionalista<sup>5</sup> **não falha em recordar; o que explica em parte o foco de Salgado**

---

3 Ainda que as eleições de 1938 tivessem sido proclamadas, Vargas acabou se aproveitando do pânico anticomunista para dar um golpe ao fechar o Parlamento, controlar a imprensa e proibir o funcionamento de outros partidos (GONÇALVES, 2013). Há uma longa discussão historiográfica e política se o Estado Novo varguista seria fascista ou não. O Estado Novo brasileiro, da mesma forma que a AIB, inspirou-se na sua contraparte portuguesa. E da mesma forma que o regime varguista, há também amplo debate sobre a fascistização ou não do regime salazarista. Sem entrar em profundidade nesta ampla discussão por falta de espaço, este trabalho assume majoritariamente a interpretação de Paxton (2007) de que ambos os regimes (bem como muitos outros) tinham algumas características fascistas, mas se aproximavam mais de um autoritarismo tradicional. Como sugere Paxton (2007), tanto Salazar quanto Vargas, e também Franco, utilizaram os fascistas como método quando foi necessário, mas se livraram deles assim que foi possível. Ou, como diz quando propõe estágios, as elites conservadoras prevaleceram sobre os fascistas. Uma discussão que reaparece quando das ditaduras militares na América Latina. No Brasil, há ampla discussão a partir do momento de radicalização da Ditadura sobre um processo ou não de fascistização. No caso particular da ditadura brasileira, ainda que possua alguns traços semelhantes ao fascismo, falta um aspecto chave: “uma força organizada de massas pequeno-burguesas. No Brasil, a ditadura militar foi alimentada muito mais pela filosofia positivista do que pelas raízes ativistas e irracionais do fascismo clássico” (FRESU, 2017, p. 14).

4 O Plano Cohen foi um documento falso “supostamente apreendido pelas Forças Armadas” e divulgado pelo governo Vargas na tentativa de legitimar o golpe do Estado Novo (FGV CPDOC, s.d.). Supostamente de autoria da Internacional, e aproveitando o clima gerado pela Intentona, o Plano descrevia métodos de uma tomada de poder pelos comunistas: atentados a prédios públicos, greve geral, manifestações físicas e assassinatos planejados. Na verdade, o documento foi forjado pela própria AIB, por meio do capitão Olímpio Mourão Filho. Segundo o próprio Filho, o Plano Cohen era, na prática, um “estudo de como seria uma revolução comunista”, com a intenção de angariar fundos e financiamentos ao mostrar, às elites econômicas, o meio pelo qual os comunistas chegariam ao poder; mas que acabou sendo utilizado para um propósito maior pelo chefe do Estado-Maior de Vargas, general Góes Monteiro. Salgado estava supostamente ciente da falsidade do documento — que teoricamente motivou justamente a retirada de sua candidatura, para apoiar o Estado Novo. Argumentou que não havia denunciado sua falsidade por “receio de desmoralizar as Forças Armadas, única instituição, segundo ele, capaz de fazer frente à ameaça comunista” (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 58). Desta forma, como uma roda, o medo da ameaça invisível comunista acaba por gerar um documento falso atribuído aos comunistas e utilizado como justificativa para o anticomunismo (FGV CPDOC, s.d.). O Bolsonarismo não reencarna o anticomunismo e a paranoia, a ponto dela própria justificar o autoritarismo, por despropósito. Há, no Brasil, uma longa e violenta tradição de anticomunismo no meio militar. Não é sem motivo, como aponta Trindade (1974, p. 130) que o Integralismo contava com entusiasta participação das Forças Armadas, tendo “núcleos Integralistas compostos exclusivamente por militares no Exército e sobretudo na Marinha, onde a maioria, senão Integralista, era ao menos simpatizante do Integralismo”.

5 Movimento majoritariamente paulista que demandava, entre outras coisas, uma nova Constituição. Ainda que não tenha obtido sucesso direto, conseguiu forçar uma Assembleia Constituinte que aprovou uma nova

sobre este ponto.

Apelando para o *argumentum ad populum*, Salgado (1950, p. 46) levanta que apenas o Integralismo é o verdadeiro defensor da democracia, do povo e da nação, que somente o seu movimento protege o povo daqueles que atacam a democracia ao mesmo tempo em que juram defendê-la: “o Integralismo é a única corrente que consulta essa vontade popular” (SALGADO, 1950, p. 46). Para tal, anuncia que um Estado e uma nação fortes, ainda que liderados por um Messias e um partido, precisam consultar e dialogar com a vontade popular, dado que ambos são formados por essas milhões de individualidades amalgamadas no uno. Somente assim, se terá um Estado capaz de levar dignidade à população, de “impedir que os humildes sejam pisados e maltratados” (SALGADO, 1950, p. 46).

Em um ponto curioso, Salgado (1950, p. 46) dedica uma seção inteira à bandeira do Brasil, defendendo-se dos que atacavam o Integralismo por priorizar apenas o verde. Proclama que o verde, ainda que preponderante, está em consonância com as demais cores. Mas o verde é, porém, o principal, o que exprime de fato o sentimento de brasilidade, “o sentimento profundo da terra do Brasil, na sua juventude, eterna primavera” (SALGADO, 1950, p. 46). Para o seu argumento, traz à baila a mesma visão teleológica de Mussolini: o Integralismo é uma inevitabilidade Histórica, “O destino reserva, porém, sempre, ao Integralismo, a última palavra [...] Essa civilização será criada pelos camisas verdes [...] que se transformou em fenômeno histórico irremovível” (SALGADO, 1950, p. 46). Uma visão teleológica que casa com o seu messianismo e autoritarismo, quando, logo em seguida, diz que o Integralismo se tornou “a última esperança de salvação nacional” (SALGADO, 1950, p. 46). Por fim, lembra que há, no centro da bandeira, uma estrela chamada sigma; o que seria não mais do que “uma profecia dos positivistas” (SALGADO, 1950, p. 46). Uma profecia que se torna irônica à luz da História, conforme o próprio Salgado retirou sua candidatura para apoiar o golpe do Estado Novo — tanto mais após este dizer que a vitória nas urnas em 03 de janeiro de 1938 era inevitável (SALGADO, 1950, p. 47).

Repetindo o estilo bélico, o Integralismo transforma em guerra todas as esferas políticas e sociais. A eleição é metamorfoseada em uma “luta”, a qual o Integralismo ou sairá vencedor ou morrerá com honra. Para tal, evoca novamente a imagem do “espiritualismo cristão e de Unidade da Pátria”, fundindo nação e religião em um único pretexto: a luta contra “o fantasma Bolchevista” (SALGADO, 1950, p. 47). Não há alternativa. Ou o Integralismo vence nas eleições, ou “sepultada terá sido a democracia” (SALGADO, 1950, p. 47). Ou seja, em uma manobra retórica, para Salgado só há democracia sob um regime autoritário do Integralismo. No prenúncio do *Plano Cohen*, o Integralismo coloca-se como único baluarte possível à defesa da nação contra o comunismo internacional. Um baluarte encarnado nos preceitos de Deus em si, reencarnando Cristo na figura de Salgado (1950, p. 47), dado que “só Deus poderá inspirá-los”. O Integralismo é, para Salgado (1950, p. 47), não somente inevitável como imprescindível para o resgate da nação, da brasilidade e à manutenção dos valores cristãos.

**É preciso, até mesmo pelo nome do compêndio de trabalhos de Salgado, uma curta digressão sobre o conceito de nação e de nacionalismo. Por mais que Salgado (1950) e outros nacionalistas como o próprio Mussolini (2006) trabalhem o conceito de nação e nacionalidade como entidades que beiram o metafísico, atrelados de forma ontológica ao ser humano, a verdade é que a ideia de nação é moderna. Autores como Eric Hobsbawm (1990) e Chaui (2014) concordam que a acepção contemporânea de nação (e seus derivados, Estado-nação, nacionalidade, nacionalismo, etc.) deriva do século XVIII. Do latim *natio*, a palavra recebeu seu sentido atual a partir de sua ideia original de nascimento de uma ninhada de animais, transposta à ideia de um lugar em comum para um grupo de indivíduos; enquanto “pátria”, por sua vez, descende do patriarcal *pater* (CHAUI, 2014, p. 155-156). Transposição linguística empregada pela Igreja Romana, que passou a utilizar *nationes* de forma pejorativa para os que fossem estrangeiros ou não cristãos, como judeus (CHAUI, 2014, p. 156).**

Aos poucos, o conceito foi se difundindo. Perdeu a sua carga pejorativa inicial, bem como se distanciou — ainda que não pro completo — de suas origens literais do latim. Primeiro, passou a se referir a um grupo de indivíduos vinculados em comum pelo mesmo território.

---

Constituição em 1934 (GONÇALVES, 2013, p. 05).

Em seguida, vínculos em comum, como o idioma. Por fim, em seu último e mais desenvolvido ciclo, o entendimento sobre nação e nacionalidade passa a ser visto como uma ferramenta de construção política comum (CHAUI, 2014, p. 157). Aliás, ponto sobre o qual Umberto Eco (2018, p. 51) chama a atenção em sua crítica ao fascismo, os movimentos fascistas realçam e colocam como excepcional o que há de comum ao mais ordinário dos indivíduos: ter nascido em um mesmo lugar.

A ideia de nação surge como uma alternativa para apaziguar ânimos durante a série de revoltas e tentativas de revolução do século XIX. Um ponto em comum entre os indivíduos de uma região, por mais distintos que sejam, que permitiria afastar o incômodo e crescente fantasma da luta de classes. Elementos interseccionais, por menores que sejam, como idioma ou etnia, são aglutinados com a ideia de nação, criando integridade suficiente para permitir no século seguinte a disseminação de movimentos fascistas mesmo entre proletários: “Sem essa referência, tornar-se-ia incompreensível que, em 1914, milhões de proletários tivessem marchado para a guerra para matar e morrer servindo aos interesses do capital” (CHAUI, 2014, p. 161). O apelo à nação e ao nacionalismo se torna forte, como mostra Chauí (2014, p. 160), justamente por atuar como união comum sobre diversas camadas de características de indivíduos e grupos sociais. Inclusive, por exemplo, como defendido pelo Integralismo, inimigos determinados que supostamente tramariam contra o Estado-nação, como os marxistas. Não à toa também que os fascistas substituam a ideia de luta de classes por um abstrato “luta de nações”, ideia presente tanto em Mussolini (2006) quanto em Salgado (1950).

*O Integralismo perante a nação* inclui ainda um pequeno discurso, proferido pouco depois deste, e que vale trazer para o debate. Declamado um mês depois do anterior, quando da decisão de Salgado de concorrer à presidência, há um foco maior sobre a figura messiânica do líder – tanto que o discurso é denominado *O cristo e o Estado Integral*. O título dita o tom: Salgado (1950, p. 48) alega que o Estado Integral é “o Estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo”; fundindo, de uma só vez, religião e Estado. Em apropriação, comparando-se à imagem de Cristo, o Integralismo se enxerga como a voz do cristianismo – por mais que, como mostra Marilena Chauí (2014, p. 60-61), a relação entre ambos nem sempre fosse orgânica.

Assim, essas foram as características e conceitos identificados sobre os discursos que antecedem a candidatura de Salgado à presidência e, por consequência, o processo de institucionalização da AIB:

**Tabela 1.** Características identificadas no discurso de candidatura

Discurso de candidatura (1937) Segundo ciclo: disseminação (1932-1937) Segundo estágio: enraizamento	
Conceito	Característica
Autoritarismo	Alta frequência de termos ligados ao autoritarismo, como “Força” e “Autoridade” Messianismo: só o Integralismo pode salvar a democracia A democracia só existe sob domínio Integralista Disciplina e autoridade do líder Belicismo, tanatofilia Guerra permanente contra elites invisíveis A verdadeira liberdade/democracia só existe na disciplina Messias como único capaz de resgatar a nação Visão teleológica da História Somente um regime autoritário Integralista poderá promover a verdadeira democracia
Corporativismo	Representação de corporações e comércios A verdadeira democracia vem quando o regional é substituído pelo industrial

Fundamentalismo cristão	O Estado Integral é o Estado de Cristo
Corporativismo	Conciliação de classes Adoção como sistema econômico nacional Resgate do Corporativismo na gênese do movimento, desde os Fasci
Nacionalismo	Alta frequência de termos ligados ao nacionalismo, como “Nação” e “Pátria”
Outros	Anticomunismo Antiliberalismo
Reacionarismo	Nação degenerada Mitificação do bandeirante como herói nacional em <i>O estado moderno</i> de Miguel Reale (1935) A democracia está ameaçada pelas forças que se dizem democráticas

**Fonte:** Elaborado pelo autor, baseado no discurso de candidatura.

## Considerações Finais

O Integralismo voltou a receber atenção da historiografia brasileira nos anos recentes, com o advento do Bolsonarismo, após décadas de ostracismo. Livros como o de Gonçalves e Neto (2020) reforçam a importância do movimento para compreender mesmo movimentos contemporâneos equivalentes. Nesse sentido, é imprescindível resgatar e trabalhar em profundidade com alguns dos materiais e produtos produzidos pelo Integralismo. Ainda mais considerando que o movimento não morreu com Salgado, apenas se fragmentou e enfraqueceu.

A análise em profundidade sobre o *Discurso de candidatura*, em que pese a limitação de espaço, ilumina algumas das principais idiosincrasias do Integralismo, ao menos da forma com que Salgado enxergava o seu movimento. Em quase cem anos de História, o agrupamento perpassou diferentes estágios e ciclos, abrindo e lançando mão de características úteis conforme a conveniência. Por exemplo, o messianismo transparece no *Discurso de candidatura*, pela necessidade de vender-se como solução à nação. Já em outros materiais, como o *Manifesto diretiva*, o foco está em se distanciar do nazifascismo. As preocupações e elementos-chave do Integralismo vão se moldando e absorvendo os ideais de seus tempos.

## Referências

BUKOWSKI, C. **Pulp**. Tradução de Marcos Santarrita. Porto Alegre: L&PM, 2011.

CHAUÍ, M. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

DORIA, P. **Fascismo à brasileira** - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.

ECO, U. **O Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FGV CPDOC - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **A Era Vargas**: dos anos 20 a 1945. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>>. Acesso em: 02 mar. 2022.

FRESU, G. **Nas trincheiras do Ocidente**: lições sobre Fascismo e antifascismo. Ponta Grossa: Ed. UEFG, 2017.

GONÇALVES, L. P. “Plínio Salazar?” o integralismo luso-brasileiro de Plínio Salgado. In: **Anpuh**. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364689605\\_ARQUIVO\\_PlinioSalazarointegralismoluso-brasileirodePlinioSalgadoANPUH.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364689605_ARQUIVO_PlinioSalazarointegralismoluso-brasileirodePlinioSalgadoANPUH.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2021.

GONÇALVES, L. P.; NETO, O. C. **O Fascismo em camisas verdes**: do Integralismo ao neoIntegralismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

HOBBSAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

PAXTON, R. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAXTON, R. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago, Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>.

KAPA, R. Bandeiras contra o fascismo são roubadas da UniRio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 dez. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/bandeiras-contrafascismo-sao-roubadas-da-unirio-1-23299979>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MUSSOLINI, B. **Me ne frego**. Milano: Prima edizione digitale, 2019.

MUSSOLINI, B. **My autobiography**: with “The political and social doctrine of Fascism”. New York: Dover Publications, 2006.

MUSSOLINI, B. **Mussolini as revealed in is political speeches**. 2020. Disponível em: <[https://www.gutenberg.org/files/62754/62754-h/62754-h.htm#Page\\_xxi](https://www.gutenberg.org/files/62754/62754-h/62754-h.htm#Page_xxi)>. Acesso em: 16 set. 2021.

RIEMEN, R. Fascism is once more at our doors, and we still refuse to see and treat it by its name: an interview with Cultural Philosopher Rob Riemen. Entrevista concedida a Sergio Schargel. **Revista Cantareira**, n. 33, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40711>>.

SALGADO, P. **O Integralismo perante a nação**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950.

TRINDADE, H. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

Recebido em: 26 de julho de 2023

Aceito em: 30 de setembro de 2023